

FILOSOFIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Tiago Adão Lara*

1. O QUE É FILOSOFIA

Existe um enfoque filosófico da educação, responsável por um discurso correspondente, que tem sua especificidade própria. É sobre essa especificidade que pretendo refletir.

A questão não é simples, porque não há acordo, hoje, sequer, sobre o que seja filosofia.

Para muitos, a filosofia é etapa superada, na história da cultura humana. Não se pode mais pedir, a ela, soluções de caráter seguro. A ciência a substituiu, definitivamente.

Outros atribuem um lugar à filosofia, como saber humano, mas restringem sua função à crítica do conhecimento, em geral, ou à crítica dos conhecimentos concretos existentes. A filosofia torna-se uma epistemologia ou, até, restringe-se a uma simples questão de análise da linguagem, com função catártica.

Sou daqueles que continuam reconhecendo à filosofia a função que ela se atribuiu, desde as mais remotas origens, no mundo helênico: pensar radicalmente a totalidade, a fim de dar ao homem uma visão de conjunto, racional, crítica e unitária.

2. FILOSOFIA E METAFÍSICA

O pressuposto responsável pela ousadia filosófica dos gregos é que a realidade é racional e, como tal, pode ser apreendida pelo homem. De um lado, a racionalidade do real, na sua própria estrutura; de outro lado, a capacidade humana de descobrir ou desvelar essa estrutura racional. Em que pesem as dificuldades de nos assegurarmos, plenamente, do valor da afirmação de Parmênides: pensar e ser é o mesmo, certo é que, ao longo do processo de constituição da filosofia grega, foi se patentear o pressuposto racionalista, que a frase de Parmênides pode ter querido expressar.

* Professor do Departamento de Filosofia da UFU

Esse pressuposto levou à concepção de que, acima do conhecimento sensível ou empírico, de caráter opinativo, obtido através do contato com os fatos ou fenômenos, que afetam a sensibilidade, existe outro nível de conhecimento, o qual penetra a estrutura racional do ser, possibilitando o discurso da verdade. Esse nível de conhecimento é o conhecimento inteligível; e o discurso que ele possibilita é o discurso filosófico.

A essa atitude grega, herdada pelos medievais e que perdurou, mesmo durante grande parte da Idade Moderna nos autores racionalistas, chamou-se atitude realista-objetivista. A explicação racional da realidade, que a filosofia oferece, é fruto de uma visão da realidade, na sua estrutura fundamental, é fruto da intuição intelectual da essência. Na relação objeto-sujeito, o objeto tem a primazia. A mente humana (sujeito) pode elaborar a explicação racional, porque a viu (intuiu) na realidade (objeto).

A filosofia, então, é a ciência, por excelência, pois ela atinge a essência, ou seja, o objeto no seu íntimo mais esclarecedor. Esse núcleo (essência) é uma totalidade, é um horizonte, que possibilita a compreensão. A filosofia é, na sua parte mais eminente, metafísica, conhecimento objetivo, metafísico, de caráter duradouro: universal e necessário.

Chamamos aos filósofos, que endossam essa doutrina, de racionalistas realistas. Racionalistas, porque depositam absoluta confiança na força cognoscitiva da razão; realistas, porque, para eles, a razão apreende o real.

3. CONTESTANDO A METAFÍSICA

Os empiristas ingleses do século XVII começaram a questionar a possibilidade da metafísica, negada, depois, completamente, no século XVIII, por Hume.

Kant, seguindo Hume, nega a possibilidade de uma visão (intuição) da estrutura racional do ser. O homem não dispõe dessa capacidade. O discurso metafísico (filosófico), baseado, justamente, nesse pressuposto, é falaz.

Reconhece, porém, Kant que o ser humano dispõe de uma estrutura racional, segundo a qual ele ordena sua experiência e baseada na qual é-lhe possível pensar, de maneira necessária e universal, essa experiência. Para Kant, não há possibilidade de discurso filosófico à antiga, mas só de discurso científico, pois a ciência, segundo Kant, não pretende discursar sobre a coisa-em-si, mas sobre os dados da experiência sensível, estruturados pelas categorias da razão. Para Kant, a tarefa da razão, enquanto filosófica, é a crítica de si mesma.

Kant se opõe, radicalmente, às teses do racionalismo-realista, dando ouvido às críticas que o empirismo tinha levantado contra elas, sobretudo contra a intuição da essência. É um racionalista crítico e, ousaríamos dizer, por paradoxal que possa parecer, é um racionalista empirista.

4. FILOSOFIA E DIALÉTICA

A reflexão filosófica, posterior a Kant, continuou a abrir novas perspectivas, para compreensão de assunto tão relevante. Grandes pensadores reconhecem a impossibilidade de continuarmos a defender, como o fizeram gregos, medievais e racionalistas modernos, a intuição intelectual das essências. Mas, por outro lado, não se alinharam, totalmente, ao lado de Kant. Continuaram a atribuir à filosofia a função de elaborar um discurso, metodicamente tecido, criticamente avaliado e criticamente atuante, a respeito da totalidade do real, seja ele o mundo físico da natureza, seja ele o mundo humano da cultura, objetos de experiência. Nega-se, porém, a existência de uma racionalidade pura, transcendente ao processo cósmico e natural, constituindo um como que mundo da razão, capaz de ser intuído em si. A racionalidade é imanente à realidade concreta, sofre as vicissitudes da sua dinâmica histórica e brota da dialética, que vige entre os contrários de que a realidade é tecida. Dentre as contradições do real, deve-se mencionar a própria contradição sujeito-objeto.

Tanto a tese realista-objetivista, que reconhece uma racionalidade fora e independente do sujeito cognoscente humano e impondo-se a ele; como a tese subjetivista-idealista, que reconhece, na racionalidade, uma estrutura da razão humana, são superadas, na concepção dialética.

Continua-se a crer na racionalidade do real, no fundamental acordo entre mente humana e realidade a ser conhecida. Endossa-se, porém, a tese, segundo a qual esse acordo é um processo histórico, na e pela contradição.

A verdade não é fruto da coisa-em-si, intuída na sua estrutura racional essencial. Não é também iniciativa do sujeito transcendental, organizando o mundo caótico das sensações. A verdade é encontro do sujeito com o objeto. Encontro dinâmico. A racionalidade não está pronta, nem no sujeito nem no objeto. Ela faz-se, ao longo do processo de conhecimento. Faz-se continuamente. Ela existe, mas como histórica.

A intenção não é abraçar o relativismo absoluto, no qual se desconhecera, totalmente, a conquista de verdades e valores permanentes e universais, tudo se dissolvendo, continuamente, na corrente voraz do devir. Existem verdades. A história as gera. Elas permanecem como fruto da temporalidade. São, por isso mesmo, inacaba-

das e aperfeiçoáveis. Em linha de princípio, o dogmatismo torna-se impossível e o ceticismo fica exorcizado.

5. TOTALIDADE E RADICALIDADE

A perspectiva dialética de filosofia é aquela que nos parece responder às exigências de um pensar concreto, pois está atenta à totalidade da experiência humana.

Para compreendê-la melhor, analisemos o significado das categorias de totalidade e de radicalidade, que, segundo afirmação nossa anterior, delimitam o específico da reflexão filosófica.

5.1. Totalidade

Só o todo é compreensível. A filosofia visa não uma explicação qualquer, mas a compreensão. Normal que só possa satisfazer-se com uma visão de totalidade.

Não se nega a possibilidade, a utilidade e, até, a necessidade de visões parciais, feitas a partir de cortes efetuados no real, para análise mais minuciosa e mais específica, como fazem as ciências. Essas visões revelam-se insuficientes, para responder às perspectivas de inúmeros questionamentos, levantados pelo homem, quer a respeito da realidade, em geral, quer a respeito de setores da realidade.

Daf o lugar para a reflexão filosófica.

Como, porém, chegar à totalidade ou à perspectiva de totalidade, já que a experiência humana é fragmentária?

5.1.1. Totalidade e metafísica

Para a visão essencialista de gregos, medievais e racionalistas modernos, a totalidade é atingida, ou melhor, a perspectiva de totalidade torna-se viável, com a intuição intelectual das essências.

A essência é um todo relativamente aos indivíduos que a realizam, ou dela participam. Por outro lado, o nexo lógico entre as essências possibilita a construção de uma totalidade racional: o mundo das idéias ou o mundo da razão, no qual a multiplicidade das essências é integrada na unidade do ser, do absoluto, seja lá que nome se venha a atribuir a esse princípio supremo oni-englobante.

Para entendermos a estrutura desse tipo de pensamento, tomemos Platão como paradigma, pois, apesar das diferenças (até importantes) que surgem nos filósofos de orientação racionalista-realista posteriores, todos eles se reportam à postura básica de Platão.

Em seus diálogos, sobretudo Fédon, República, Sofista, Político e Filebo, Platão procura penetrar, o mais fundo possível, no mundo da inteligibilidade pura, isto é, no mundo das idéias, retrazando o caminho das suas exigências racionais, de tal maneira que possamos justificar nossas afirmações, com base e na própria lógica das articulações que fazemos. Reconhece Platão, que, no âmago mesmo da idéia de ser, reside a contradição entre a unidade e a multiplicidade, o repouso e o movimento, o mesmo e o diferente. A partir daí, pode-se pensar a multiplicidade, sem negação da unidade e vice-versa.

Ao processo de desdobramento do conteúdo racional do pensamento Platão chamou dialética, pois o desdobramento se efetua em força da contradição, que lhe é imanente. O dialético é o filósofo, pois ele sabe dividir, ou seja, sabe revelar as contradições; mas sabe também unir, sabe superar as contradições, numa unidade superior. De degrau em degrau, o dialético faz a ascensão à plenitude da inteligibilidade, que Platão coloca na idéia da unidade absoluta, suma verdade e suma beleza.

O racionalismo idealista de Platão é realista. A idéia não é pura forma subjetiva, com a qual o sujeito pensa a realidade. Ela é a própria presença transparente do real, no sujeito. Aderir à idéia é aderir à realidade. E é essa convicção, ou essa postura, que dá a Platão a possibilidade de construir um conhecimento objetivo da totalidade do real, nas suas articulações fundamentais. Isso é metafísica. Em Platão, dialética e metafísica casam-se perfeitamente.

Se perguntássemos, pois, aos filósofos metafísicos o que entendem eles por visão de totalidade, que a filosofia exige e a filosofia propicia, a resposta seria: o que possibilita a visão de totalidade é a intuição das essências e dos nexos, que as unem, num todo racional. É essa visão que torna transparente o mundo da experiência, caótico e obscuro, já que a matéria, em si, é ininteligível.

5.1.2. Totalidade e dialética

Qual significado atribuir à categoria de totalidade, no tipo de pensamento dialético, que não admite a intuição intelectual da essência?

Eis a questão que importa responder, com clareza, se quisermos perceber a diferença que, hoje, se faz entre metafísica e dialética.

A totalidade, no pensar dialético, é a totalidade do real físico da natureza e do real humano da cultura. É uma totalidade histórica, dinâmica, inacabada, aperfeiçoável, sujeita a contradições. Nem se poderia, propriamente, falar em totalidade, mas em totalizações sucessivas, que eclodem das contradições do real. Sua racionalidade não se evidencia, em força de visões ou intuições trans-históricas, que nos brindariam conquistas definitivas (tese racionalista-realista); ou em força do poder demiúrgico de um sujeito transcendental, impondo suas categorias à multiplicidade e ao caos das sensações (tese kantiana). A força da racionalidade, que alinhava as totalizações é, ela mesma, tecida de contradições e de temporalidade. A razão humana é histórica. Nasce do ventre da história e perfaz sua caminhada historicamente.

Afirmar a historicidade da razão não significa negar-lhe o caráter de transcendência e de criatividade. Certo que ela não é força bruta; que não se enclausura em conquistas definitivas. Pelo contrário, se revela irrompente, novidadeira, revolucionária até. O mundo da cultura está, aí, para nos certificar disso. Graças à força criativa da razão, o ser humano supera, continuamente, seus condicionamentos biopsíquicos e socioculturais. Pode até criar utopias de libertação total. Nunca se revela, porém, plenitude. Está sempre envolvido pelo véu da espacialidade e da temporalidade. Suas produções têm raízes, no espaço e no tempo de determinadas culturas, portadoras de valores e de limitações.

Pensar dialeticamente a totalidade do real é procurar uma perspectiva que abarque o todo histórico, que se equilibra entre o ser, pois existe, está aí, e o não-ser, pois devém; é pensar a totalidade do mundo físico e do mundo humano, como totalização epocal, pejada de valores, que apontam para o sentido da existência, e marcada de limitações a serem superadas. Pensar dialeticamente a totalidade é pensar crítica e concretamente.

5.2. Radicalidade

A palavra radical prende-se à palavra raiz. Radical é aquela pessoa ou aquela atitude que não fica no superficial; que não se contenta com o que está na superfície do solo, mas que vai à raiz. A reflexão filosófica foi definida como reflexão radical. Devemos inquirir o que significa radicalidade de reflexão.

As ciências, ao refletirem sobre o real, setorizam-no, constituindo, para si, um objeto próprio de estudo, que é parcial. Situa-se, aqui, a primeira diferença entre os dois tipos de abordagem do real: a abordagem científica e a abordagem filosófica, pois essa última, como acabamos de ver, visa a totalidade.

Ao afirmarmos que a reflexão filosófica é radical, nós estamos nos referindo a uma diferença mais profunda.

As ciências partem de dados, aceitos como evidentes. O movimento da ciência é todo no sentido de construir uma explicação para esses dados. Explicação que se revele logicamente cabível e experimentalmente comprovável.

Para a filosofia não existem evidências imediatas, dados inquestionáveis. Seu movimento de construção explicativa do real não parte da evidência dos fatos. As evidências se constroem ao longo do processo mesmo de pensar o real. É por isso que esse movimento está totalmente atento à totalidade dos seus passos, inclusive está atento ao seu próprio ponto de partida, num esforço de fundamentação continuada.

5.2.1. Radicalidade e metafísica

A pretensão do pensar metafísico é de poder (mediante a intuição das essências e do nexos que as liga, num todo racional) evidenciar os fundamentos do pensar e do ser, dado o pressuposto de que ser e pensar se co-implicam. Quando Platão nos fala de uma dialética ascendente e descendente, ele está, justamente, se referindo ao trabalho constituinte das evidências, ao trabalho de procura das raízes justificativas da construção teórica.

É somente em força das evidências da racionalidade, obtidas após um trabalho exploratório de todas as articulações lógicas do pensar, que os fatos se revelam explicáveis. Em si mesmos, eles são um dado bruto. Um desafio à compreensão.

5.2.2. Radicalidade e dialética

Para o pensar dialético, não existe a racionalidade em si. Ela se faz, na concretude do processo cultural, como um todo. E esse é fruto do encontro entre o homem – sua racionalidade, encarnada em situações de sensibilidade, portanto, de espaço e de tempo – e a totalidade das realidades físicas. As evidências se constroem, historicamente, e a radicalidade da reflexão só se perfaz na medida em que a reflexão avança, para desnudar as limitações de explicações parciais e definitivas. Nenhum fenômeno encontra em si, no seu existir, aqui e agora, a sua explicação cabal. Ele se liga à totalidade de um processo devenida. É pela referência a essa totalidade e à sua própria situação de totalidade em processo que o fato se torna explicável. As raízes da inteligibilidade são atingidas, julga a atitude dialética, quando se evidenciam as matrizes temporais ou históricas de cada fenômeno, quer dizer, quando se efetua sua inserção numa totalidade devenida.

De qualquer maneira, permanece, como dado aceito, o existir do homem questionador, seu anelo de compreensão, o sentido de sua procura, que é impulso de superação ou transcendência, impulso de libertação.

Aqui, o pensar metafísico e o pensar dialético se encontram. Em Platão, como em Hegel ou Marx, todo o esforço de especulação termina num desejo de libertação do homem. A diferença está na maneira como se pensa essa libertação. Não vem ao caso analisarmos, agora, o problema. Basta termos mencionado os acordos e desacordos das duas posições.

6. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Chegados a esse ponto, já dispomos das categorias para definirmos a tarefa de uma filosofia da educação. Tentemos fazê-lo.

Toda reflexão, mesmo aquela que propõe, como objeto de consideração, área determinada da realidade, se aspira chegar ao nível filosófico, tem de constituir, para si, uma perspectiva de estudo e de análise que satisfaça às exigências expressas pelas categorias de totalidade e de radicalidade.

O constituir-se, pois, de uma reflexão filosófica sobre a educação estará na dependência da descoberta de um enfoque que nos permita atingir a educação enquanto totalidade, e nos leve a detectar a matriz mesma (raiz) da exigência de educação.

Não nos parece difícil satisfazer a esses requisitos, uma vez que a educação diz respeito ao processo de caminhada do homem, na história, justamente em vista do seu revelar-se como homem. A humanidade do homem é, a um tempo, totalidade e radicalidade, em referência à educação. É, aliás, muito mais. É totalidade e radicalidade em referência a todo projeto existencial, cuja realização histórica encontramos definida em precisas formas culturais.

A procura, por parte do homem, das suas próprias raízes e do sentido humano do seu existir foi chamada humanismo.

Nos inícios da Idade Moderna, o homem ocidental tomou consciência explícita dessa realidade. Pensou-a e cunhou um termo para expressá-la. Mas ela é antiga. Podemos afirmar, com razão, que cada povo teve o seu humanismo; teve a sua maneira de encarar o que-seja-ser-homem, a sua maneira de sentir a qualidade do especificamente humano.

A experiência de humanidade, por parte de cada povo, nasce das situações do seu existir e reage sobre elas.

É evidente que o projeto humanístico, ainda quando não assumido explicitamente, é o projeto pedagógico em ação, em determinado grupo humano.

A reflexão sobre a educação atingirá, pois, dimensões de totalidade e de radicalidade, quando se debruçar sobre as experiências humanísticas da humanidade.

Todo projeto humanístico nasce do bojo de determinada cultura; e nasce das contradições que a originam e a sustentam. É algo de complexo. É resultado de acomodações sociais, vingadas historicamente. Antes de poder se impor, como valor incontestado, teve de fazer, para si, caminho difícil, entre tateios e refugos. Uma vez aceito, é força hegemônica, que colabora na manutenção da realidade social, que o tornou viável.

Está, pois, marcado, para nós, o caminho, ou o horizonte de uma filosofia da educação:

- 1) analisar, na história do Ocidente, o formar-se de projetos humanísticos sucessivos, que desembocaram no tipo de ideal educacional, vigente entre nós;
- 2) evidenciar, criticamente, os impasses que se criaram, frente aos resultados concretos, historicamente produzidos;
- 3) delinear os contornos de uma teoria humanística, mais condizente com a experiência da humanidade, hoje.

Os filósofos, comprometidos com o pensar de caráter metafísico, foram procurar as raízes últimas do humanismo, em idéias julgadas, por eles, trans-históricas, eternas, transcendentais. Somos muito inclinados a descobrir em suas propostas educacionais os aprisionamentos culturais, dos quais não puderam ou não souberam eles fugir. Instituímos aquilo que chamamos a crítica das ideologias; e desmascaramos as pretensões de neutralidade, na reflexão desses filósofos.

Não podemos nos furtar, todavia, à tarefa de delinear propostas educacionais, racionalmente elaboradas. Aceitar a historicidade da razão, reconhecer, também para o nosso pensar, os condicionamentos inerentes a essa historicidade, renunciando a toda pretensão de neutralidade ideológica, não significa abdicar da tarefa de pensar a existência do homem, para procurar-lhe dimensões que se revelem mais humanas. A filosofia da educação, no nosso ponto de vista, tem de assumir essa tarefa.

Não é, pois, totalidade de reflexão filosófica aquela que se limita à crítica da educação vigente, à análise de como ela se reporta à totalidade do processo social em vigor, mas não explicita o horizonte de visão humanista, que se propõe como meta histórica concreta, firmada na qual a crítica adquire razoabilidade.

É o horizonte humanístico de vida, tal qual se nos revela, numa reflexão sobre a totalidade da experiência humana de hoje, que uma filosofia da educação tem de tomar como objeto de reflexão, para explicitar-lhe os fundamentos racionais.